

Ademir Aparecido Pinhelli Mendes ¹

A 27^a edição da *Revista Paideia* do Colégio Estadual do Paraná (CEP) emerge em um momento crucial de transformações sociais e tecnológicas, alinhada ao tema central de 2025: **“Escola do agora: Transposições das tecnologias digitais e da inteligência artificial no processo de ensino e aprendizagem”**. Mais do que uma simples análise das novas ferramentas, os trabalhos discentes e artigos submetidos mergulham nas complexas implicações dessas mudanças no mercado de trabalho, nas relações sociais e na própria estrutura do conhecimento e da identidade.

Os autores demonstram uma capacidade notável de utilizar a **arte – o cinema, o teatro e a literatura** – como lentes poderosas para decifrar a **persistente crise do trabalho** na sociedade contemporânea, revisitando os pilares da crítica social estabelecidos por Karl Marx e Max Weber.

O Trabalho Sob a Lente do Capitalismo e da Desumanização: A Crítica Marxista e Weberiana em Cena Em "O Diabo Veste Prada", a análise de Eduarda Puig Nico Lella mostra como o ambiente de alta pressão do mundo da moda pode ser entendido pela **alienação do trabalhador (Marx)**, onde a protagonista, Andrea Sachs, se torna um mero instrumento para servir aos desejos da chefe, Miranda Priest, perdendo sua identidade em prol do sucesso e do poder alheio. Complementarmente, a ótica de **Max Weber** revela a desumanização gerada pela **burocracia**, marcada por uma hierarquia rígida, impessoalidade, e busca incessante por eficiência organizacional, custando a liberdade individual dos funcionários.

Essa mesma dualidade teórica é aplicada ao filme brasileiro "O Som ao Redor", onde Eduarda Godinho Antônio destaca a exploração econômica e a invisibilização dos empregados (crítica marxista à mais-valia) em meio às complexas relações de classe no Recife, enquanto a perspectiva weberiana evidencia a burocracia e o controle social exercido pela classe média sobre os trabalhadores, reduzindo-os a instrumentos para garantir seu conforto.

A Exploração no Cinema e na Literatura A luta de classes e a miséria do trabalhador são temas atemporais. Em sua análise de **"Os Miseráveis"**, Felipe Carneiro Silva conecta a

¹ Doutor em Educação. Editor Chefe da Revista Paideia do Colégio Estadual do Paraná. E-mail: pinhellimendes@gmail.com

exploração trabalhista da França do século XIX com a realidade brasileira. A história de Fantine expõe a extrema vulnerabilidade das mulheres no mercado de trabalho, onde ela é demitida injustamente por ser mãe solteira e forçada à prostituição para sobreviver, refletindo a exploração do trabalho feminino no Brasil, onde **mães solas enfrentam dificuldades e mulheres ganham menos que homens**. Jean Valjean, condenado por roubar pão, representa a **criminalização da pobreza** e as barreiras que ex-presidiários enfrentam para conseguir um emprego digno no país.

Em uma leitura poderosa do documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, Kauany de Paula ilustra a realidade dos trabalhadores da indústria do jeans em Toritama (PE), que enfrentam jornadas longas e lucros baixíssimos. Aqui, a **mais-valia** é palpável: os trabalhadores recebem apenas o suficiente para sobreviver, enquanto os comerciantes acumulam riqueza. O trabalho torna-se uma rotina desumana e alienante, da qual o Carnaval é o único momento de "luxo" e fuga.

A crítica à exploração se estende ao campo das relações de gênero. Bruna da Silva Salles, ao analisar **"Casa de Bonecas"** (Ibsen), utiliza Marx e Engels para sublinhar a dependência econômica e a **alienação da mulher** no âmbito doméstico burguês, onde sua função se assemelha a um serviço não remunerado que beneficia o marido. A ruptura de Nora é vista como um ato de emancipação, buscando a autonomia frente às estruturas de opressão social.

Por fim, André Guidelli Camilo dos Santos, em seu estudo sobre o musical **"Hadestown"**, vê no submundo (Cidade de Hades) uma clara crítica ao capitalismo inicial, onde as pessoas eram obrigadas a vender "sua alma para trabalhar para sempre" em troca de sustento básico – um trabalho **análogo à escravidão**. A música e a ambientação denunciam a alienação, onde os trabalhadores "perdem sua humanidade" e o esforço incessante é ironicamente chamado de "Liberdade". Luiza Leão Moraes de Souza, analisando o clássico **"Metrópolis"**, reforça a crítica marxista ao demonstrar a divisão extrema entre elite e proletariado e a **mecanização da vida**, que transforma os operários em "robôs humanos" e meros instrumentos de produção.

A Revolução Digital e Seus Desafios: O Impacto da I.A. no Mercado: Os recentes avanços da Inteligência Artificial (I.A.), notadamente após o lançamento do Chat GPT em 2022, trouxeram novas preocupações para o mercado brasileiro, que se somam às problemáticas históricas do trabalho.

A discussão sobre I.A. e trabalho é diretamente ligada à preparação profissional. Cecília Marceli Kagin traça um paralelo entre a Lei 15.100/25 (que proíbe o uso de celulares nas escolas) e as implicações da I.A. no mercado, argumentando que a defasagem no estudo pode gerar graves consequências como desemprego e desvalorização do trabalho. A I.A. é vista como mais eficaz e de menor custo em comparação aos seres humanos, uma situação que já foi ilustrada no cinema, como em "A Fantástica Fábrica de Chocolate", onde o pai do personagem principal é substituído por uma máquina.

Luis Gustavo P Macagnan enfatiza que o uso de I.A. é impulsionado pela busca por **mão-de-obra barata e lucro máximo** ("Time is money" – Franklin), visto que as I.A. realizam tarefas efetivas sem possuírem direitos trabalhistas, o que potencializa a demissão massiva de seres humanos.

A preocupação com o desemprego é um ponto central. Clara Müller Miranda relata que 67% dos cidadãos, segundo pesquisa do Deco Proteste (2023), acreditam que a I.A. levará a despedimentos em vários setores, dada a capacidade da tecnologia de executar tarefas mais rapidamente e com menor custo.

Além da substituição direta de funções, Clara Miranda e Gustavo Yuji abordam o **sucateamento do trabalho artístico e criativo**. O cineasta Guillermo Del Toro é citado ao afirmar: "Eu consumo e amo arte feita por humanos". Os artistas sofrem com o uso não autorizado de elementos de suas obras pelos algoritmos de I.A., que criam a partir de dados compilados e não de experiência.

Gustavo Yuji, ao relacionar o avanço tecnológico repentino (como o da I.A.) com o livro "A Fantástica Fábrica de Chocolate", discute o risco de **alienação** gerada pela polarização de ideias controladas por grandes empresas multinacionais que dominam as informações geradas por I.A.. Ele, citando Engels e Marx, alerta que o crescimento tecnológico desenfreado sem o devido preparo estrutural pode levar à desestabilização social, promovendo altas taxas de desemprego e precarização generalizada do trabalho (o conceito de "exército reserva").

Diante desses desafios, os autores concordam na necessidade de intervenção estatal. Medidas sugeridas incluem a criação de leis trabalhistas que limitem o uso da I.A. no meio corporativo, regulamentação de proteção aos **direitos autorais dos artistas**, e a implementação de projetos de **recapacitação profissional** para realocar cidadãos no mercado de trabalho e garantir uma vida justa.

Formação de Professores e a Luta Antirracista O artigo de Luana Vitória Vilalba sobre a **Formação de Professores e a Educação Étnico-Racial** investiga a inserção dos conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos de Pedagogia. O trabalho é um resultado de lutas históricas, notadamente do **Movimento Negro Unificado (MNU)**, que foi crucial para a promulgação da Lei 10.639/03 e 11.645/08, tornando o ensino da temática obrigatório.

A pesquisa evidencia que, embora as instituições de ensino superior (IES) estudadas no Mato Grosso do Sul cumpram a exigência formal da legislação, ainda existem desafios significativos. Há uma lacuna na formação inicial, com a temática por vezes relegada a um lugar periférico ou secundarizado no Projeto Pedagógico (PP). Isso perpetua a **educação eurocêntrica e colonizadora**, que hierarquiza os saberes, classificando o conhecimento europeu como superior e central, enquanto as culturas afro-brasileiras e indígenas são marginalizadas ou folclorizadas.

A autora defende a necessidade de uma **Pedagogia Decolonial e para a Diversidade**, que reconheça a desigualdade racial e social e que promova a ruptura epistemológica na forma como a educação é concebida. É fundamental que os futuros pedagogos demonstrem consciência da diversidade e contribuam para a superação de exclusões étnico-raciais e outras, combatendo o racismo que se encontra profundamente enraizado na estrutura social brasileira.

A Dinâmica da Vida: Evolução e Mutação Em um olhar que transcende as estruturas sociais e educacionais, o artigo "Comportamentos na evolução versus mutação das espécies", de Danilo Schiesinsky e Eugenio Lyznik Junior, traz uma discussão fundamental sobre a **Evolução** no reino biológico.

Os autores definem a evolução como as mudanças comprehensíveis que ocorrem através das gerações, regidas por padrões determinados na ordem natural. O DNA é apresentado como a molécula transformadora, a sede da informação hereditária que molda a morfologia e garante a sobrevivência. A vasta biodiversidade, de animais e plantas que conhecemos em parques urbanos (gatos, pombos, hibiscos) ou em matas distantes, é resultado desse processo contínuo.

O cerne do trabalho biológico reside no **fenômeno da mutação**. Longe de serem acidentes, as mutações são a "**matéria-prima essencial**" sobre a qual a seleção natural atua, impulsionando o surgimento de novas características e, consequentemente, a evolução das espécies. Um exemplo clássico dessa importância é a diversificação das angiospermas (plantas

REVISTA PAIDEIA DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ - 27^a ed./2025

com flores), onde mutações levaram ao surgimento de novas cores e formas, atraindo diferentes polinizadores e resultando em coevolução.

Os cientistas contemporâneos (como Pritchard, Weigel e Chory) continuam a investigar como o acúmulo de pequenas mutações pode levar a mudanças fenotípicas significativas, conferindo vantagens como a resistência a herbicidas ou a tolerância a estresses ambientais. A **constante geração de variações genéticas** garante que as plantas (e, por extensão, a vida) estejam em um estado de perpétua adaptação, prontas para enfrentar as incertezas do futuro.

Os trabalhos reunidos na *Revista Paideia 27^a ed./2025* oferecem um panorama completo das tensões atuais: a incessante luta pela dignidade no trabalho, ameaçada por novas tecnologias e antigas estruturas de exploração; e o desafio contínuo de formar cidadãos críticos, capazes de descolonizar o currículo e valorizar a diversidade cultural.

A intersecção dessas análises sugere que, assim como a vida no reino biológico depende da mutação para se adaptar e prosperar em um planeta dinâmico, a sociedade e a educação também exigem rupturas e transformações profundas – seja na formação docente para combater o eurocentrismo, seja na criação de políticas públicas para enfrentar a alienação digital e a exploração capitalista. A jornada em busca da **Paideia** (formação integral) exige que os futuros profissionais estejam preparados não apenas para o avanço técnico, mas para serem agentes reflexivos e transformadores da realidade social.